

Memória de Reunião - PDUI - RMSP

GT - Desenvolvimento Urbano, Econômico e Habitação

Tema: Desenvolvimento Econômico

data: 14 de Junho de 2016

Local: Boa Vista, 150 - 1o. andar

Presentes: Consultar lista de Presença

Maria Lucia (EMPLASA) abriu a reunião fazendo um resumo do diagnóstico já apresentado pela Emplasa que consta do Caderno "Visões da Metrópole". Seguiu esclarecendo a pauta do dia, conforme abaixo:

- i) RMSP- Dinâmica Econômica - diagnósticos Emplasa - principais destaques
- ii) PIB regional - exposição de metodologia da Fundação Seade
- iii) Participação dos municípios e das sub-regiões: algumas reflexões
- iv) Mapa mental
- v) Próximos passos

i) Maria Lucia comentou que o tema entra de forma transversal em todos os demais, mas é necessário que pensemos sobre a dinâmica econômica mais positiva para a região metropolitana de São Paulo.

No que diz respeito ao diagnóstico foi usado o VTI - Valor de Transformação Industrial fornecido pelo IBGE.

- A indústria paulista perde participação, ao contrário dos serviços. Embora conte com uma estrutura muito diversificada, apenas seis divisões da indústria de transformação são responsáveis por cerca de 70% do Valor da Transformação Industrial (VTI) da RMSP. Assim, a indústria paulista apresenta um paradoxo: diversificada e concentrada. Com exceção de veículos automotores todos os setores perderam produtividade. Os serviços que eram industriais estão se instalando fora das empresas (serviços intensivos em conhecimento).

- O espaço metropolitano é qualitativamente diferenciado e estamos, no caso da RMSP, especialmente, no fim do bônus demográfico. A população idosa deve aumentar a taxas aceleradas bem como a taxa de crescimento populacional de alguns municípios que apresentam dinâmicas demográficas diferentes mas, com tendência decrescente.

- Investimentos em infraestrutura e ações públicas que visam apoiar a atividade econômica, podem resultar em alterações significativas na estrutura econômica da região no médio e longo prazos.

ii). Vagner Bessa - da Fundação Seade

Vagner fez um relato do produto interno bruto da RMSP. Esse indicador passará a ser divulgado trimestralmente, resultado de um trabalho junto ao

IBGE e a Secretaria da Fazenda do Estado de SP, que possibilita conhecer a taxa de crescimento real das Regiões Metropolitanas.

O cálculo do PIB municipal é feito pelo IBGE e divulgado com dois anos de defasagem e não permite o cálculo da taxa de crescimento real. Com a nova metodologia apresentada pelo Seade será possível acompanhar a atividade econômica regional em conformidade com o sistema de contas nacionais. O projeto desenvolvido pela F. Seade pode ser extremamente útil para a tomada de decisões nas políticas públicas. Com a nova metodologia é possível separar PIB real e inflação usando o deflator implícito.

A RMSP vem mostrando um processo de desconcentração industrial. Atualmente os serviços respondem por 85% da estrutura setorial do PIB. Em 2015, enquanto o Estado de São Paulo mostrou queda de 4,1% do PIB, a RMSP sofreu retração de 3,8%. Isto se deve à menor participação da indústria na economia da RMSP. Houve um menor rebatimento da crise em relação ao restante do estado e mesmo comparado a outras regiões, como Campinas e Sorocaba, que tiveram redução de 5,8% e 6,1%, respectivamente, no mesmo período. Foram citados os problemas da indústria na Região Metropolitana de São Paulo, que em momentos de crescimento, não mostra o mesmo dinamismo observado em outras regiões do estado. De acordo com a Seade, a produtividade da RMSP (medida pelo valor adicionado/pessoal ocupado) era de R\$ 85.000 em 2015, ante quase R\$ 145.000 no Vale do Paraíba e Litoral Norte.

Quanto à economia criativa discutiu-se sobre a dificuldade de sua estruturação, pois esse segmento como moda, alta gastronomia e etc. é mais sensível à crise e ainda é pouco representativo na economia regional. Foi feita a observação de que os serviços de saúde incorporam 10% da mão de obra qualificada, com graduação formal.

Os representantes de Guarulhos e Cotia comentaram sobre a saída de empresas importantes em seus respectivos municípios. Esse fato provocou uma perda de empregos de maior qualidade e de salários relativamente altos.

O único setor que se mantém é o farmacêutico, dado que opera com muita matéria prima importada e o aeroporto se constitui em equipamento fundamental. O mesmo sucede em Campinas dado o aeroporto de Viracopos. O segmento de Máquinas e Equipamentos desabou, comentou o representante de Guarulhos. O mesmo ocorreu com a indústria de tubos, dada a crise da Petrobrás. Como o salário médio da indústria é o dobro do salário no setor de serviços, o impacto dessas questões é muito forte.

O representante de Santo André ressaltou as legislações atuais das políticas de parques tecnológicos. São 13 no Estado de São Paulo, sendo o ABC um local para desenvolvimento de um destes parques na RMSP e acaba de ser

aprovado a instalação de um parque em Santo André. Propostas relativas a esse tema ainda serão feitas, mas, foi mencionado que já existe alguma coisa nesse sentido na plataforma virtual do PDUI.

Os desafios:

Geração de conhecimento, inovação. O Consórcio do Grande ABC está fechando parcerias com Universidades, buscando pensar e trabalhar a longo prazo e disseminar os polos tecnológicos para toda a RM. A Scania, por exemplo, localizada em São Bernardo, tem uma estrutura para montar motores. A indústria aeronáutica está chegando ao ABC¹.

O PDUI deve pensar na localização desses polos como irradiador de uma indústria com alta concentração de tecnologia. O setor sucroalcooleiro tem centros de pesquisa, em Piracicaba por exemplo. Entretanto, implantar centros de inovação significa compreender antecipadamente qual é a demanda. Foi evidenciada a necessidade dos parques estarem associados aos setores que se pretende desenvolver.

Em Campinas e Sorocaba isso ficou muito claro. Os parques tecnológicos são apenas exemplos, Há outros, como centros de pesquisa, tal como a EMBRAPA.

Perguntas para reflexão:

O que fazer? Como incorporamos essas ideias ao PDUI? Precisamos avançar em termos de qualidade.

1. Do ponto de vista econômico, quais são as potencialidades e os gargalos para a atividade econômica positiva na região?
2. Quais as atividades com participação crescente e quais as atividades que têm recuado?
3. Qual o final desse processo? Como isso atinge a RMSP e a partir das questões colocadas por Vagner?
4. Como captar os ganhos da capitalização imobiliária a favor da sociedade?

Mudanças da estrutura econômica não quer dizer necessariamente perda em importância. O que queremos como desenvolvimento econômico de São Paulo? Pode ser econômico e, simultaneamente, territorial?

¹ O representante de Guarulhos comentou que as decisões devem ser coletivas, pois todos perdem a contribuição industrial. Isso justifica considerarmos o desenvolvimento econômico como uma função pública de interesse comum.

Nesse sentido, o representante de Cotia se manifestou perguntando qual é o limite do PDUI?

A política social pode carregar para o desenvolvimento econômico, mas a relação não é tão direta. É uma questão territorial dentro da RMSP.

O representante de Santana de Parnaíba se manifestou que a partir de uma leitura do PAM, observa-se que a descentralização era o foco e basta observar regiões como Sorocaba, Campinas, por ex, que foram priorizadas.

Se olharmos o vetor da mobilidade, vamos produzir maior integração e o polo central pode se beneficiar disso.

Encaminhamentos:

1. Enviar material aos participantes do GT, como mapa mental.
2. Próxima reunião: 21 de Junho, às 9:30 h com apresentação por parte dos municípios (corresponde ao item iii da pauta)